

## DR. ELOI - O HOMEM E A CIDADE

Dr. Eloi, Seu Eloi, Eloi Farias, homem frágil de físico, porque magro, forte de espírito, porque um crente, crente na vida, crente no próximo, crente em Deus.

Feliz o homem que pode viver para testemunhar o reconhecimento e a gratidão de seus convivas.

Bravos ao povo que é capaz de manifestar, em vida, sua homenagem a um dos seus pares, um daqueles que sendo simples, e talvez por isso, se destacou dos do seu tempo, não pela ostentação da fortuna, nem pela arrogância do poder, mas se destacou pela capacidade de servir, nunca pela astúcia de servir-se.

Falar sobre seu Eloi em Bananeiras é fácil, ao mesmo tempo que difícil. Fácil porque todos sabem de quem falo, difícil porque todos sabem do que falo. E nesta fala, o que busco é uma forma consensual de dizer o que esta cidade quer dizer a este conterrâneo nascido nas Alagoinhas, no curso do seu 90º ano de existência. Fala consensual porque me esforço para que a minha palavra seja a palavra da minha cidade. Queremos, eu e Bananeiras, por seu povo dizer ao Dr. Eloi que nós lhe somos agradecidos, agradecidos a ele e a Deus. A ele por ter gasto sua vida com a gente deste burgo e a Deus por permitir que o Dr. Eloi continue povoando com sua presença amena as ruas desta brejeira cidade, desfilando displicentemente pelos becos e praças com sua figura tão pequena e magra que quase não existe e mesmo assim é uma presença tão notada.

Não me proponho bibliografar o Dr. Eloi Farias, não tenho dados nem vontade de fazer isso. Essa é uma tarefa que poderá ser melhor executada por outro.

O meu desejo quando me foi dado conhecimento dessa homenagem foi trazer o meu testemunho, contar uns casos e me associar a esse gesto de reconhecimento e gratidão que é dirigido ao bom amigo.

### A Farmácia

Não sei bem quando fiquei conhecendo o Dr. Eloi Farias. Das brenhas dos Angicos, aos 07 anos vim para a cidade. Quando me dei conta meu pai era Tabelião e seu Eloi o dono da Farmácia.

Morava em casa quase vizinha da Farmácia. Isso me permitia uma precoce intimidade com aquele ponto da cidade.

A Farmácia de Eloi era o ponto de encontro obrigatório e diário dos últimos coronéis da cidade. Preguiçosamente escorados em suas portas, sentados no seu banco, outros apoiados nos batentes, ali se reuniam os homens da cidade, em grupos que se renovavam, para "jogar conversa fora".

Coronel Ioiô Deco, Major Augusto Bezerra, Coronel Antonio Rocha, Major Jurandy e os sem patentes como Severino Batista, Zé Rocha, Antonio Guimarães, Dr. Medeiros, Henrique Lucena, João Costa, Mozart Bezerra, Durval Lira, entre outros, eram frequentadores assíduos, animadores do "papo" onde a política era o forte e a vida alheia o fraco.

As inconfidências eram reveladas, a safra comentada, as transações informadas e até as "piadas" contadas. Seu Eloi a tudo assistia, tinha uma participação discreta mas provocativa. Cuidava o Dr. para que as lorotas, falas e potocas não incomodassem, nem agredissem a D. Olivia que silente, mas atenta, do lado de dentro do balcão, controlava seu Eloi e o movimento da farmácia.

A Farmácia de seu Eloi era também o Pronto Socorro da cidade. Na sua sala de curativos Drs. Clovis Bezerra, Mariano Barbosa, Orlando Cavalcanti e outros atenderam, fizeram pequenas cirurgias, "encanaram" braços, pés, pernas, dedos, abriram e fecharam barrigas, se faziam curativos, aplicavam-se injeções e até se davam, terríveis purgantes de quinopódio.

A Farmácia não era o único território de atuação de seu Eloi, toda a cidade era seu campo de trabalho pois fazia atendimento domiciliar quando o enfermo não podia se locomover. Vi muitas vezes este homem, magro, meio curvado, de andar ligeiro, tomador de rapé, bebedor de café, subindo as ladeiras de Bananeiras com o estojo de injeção ou curativos na mão para levar alívio aos enfermos.

Na Farmácia, que para mim se chamava São José, tinha um imenso vidro decorando o balcão que enchia de mistério a imaginação da criançada pois como poderosa lente aumentava as partes que lhe eram colocadas para através dele serem observadas. Diziam que ele vinha do tempo de Zé Fábio e que a impureza que se depositava no seu fundo era resto de cuspo que sobrava das experiências daquele outro grande homem, ainda não devidamente estudado para que justiça lhe seja feita.

A Farmácia distribuía brindes que recebia dos propagandistas viajantes. O almanaque Capivarol era

aguardado pela Cidade para decifrar as cartas enigmáticas, ler as estórias e as ingênuas anedotas.

Na FARMÁCIA a caderneta do fiado era magra. Seu Eloi não gostava de vender fiado e D. Olivia nem pensar, mas existia a caderneta para fregueses especiais.

A fama da Farmácia de Seu Eloi ia além das fronteiras do município. De todo canto vinha gente se receitar. Ele manipulava, preparava algumas fórmulas, vendia umas "meizinhas".

Na feira a casa se enchia de matutos e proprietários rurais, cada vez mais matutos e menos proprietários. No domingo só abria depois da missa e se enchia de faladores.

#### "Padim" Eloi

Seu Eloi se fez padrinho de muitas gerações em Bananeiras e no seu entorno. Católico praticante, batizou muita gente e crismou outro tanto. Eu fui um deles, crismado.

Era um bom Padrinho. Não dava moeda a afilhado, porém não negava a bênção a ninguém.

As vezes penso que Eloi não era tão religioso. Quem lhe botava na Igreja era o Pe. Zé Diniz e a D. Olivia que, por conveniência, lhe cobrava "santidade".

Seu Eloi e D. Olivia geraram uma prole de 06 filhos. Era uma prole grande para quem fazia o gênero de inocente e desinteressado. Deles, Eloi Filho, Evamberto e Normele foram os da minha geração, com os outros mais novos tivemos menor contato.

Eloi Filho, Rivando Bezerra, os Montenegros, os Ramalho, (Zé e Nilton) Zé Geraldo, as vezes os meninos de Dr. Mariano, nas férias escolares, lideravam a organização dos bailes do Bananeiras Clube. Seu Eloi sempre deu força para a juventude de nosso tempo. Quando "passávamos a cota" para pagar o conjunto ou indenizar mais uma hora de luz com o Dr. Zé Ramalho, ele dava pouco dinheiro, por isso não abria a lista, mas estimulava os outros para a contribuição. Arrancava dinheiro até de Mozart Bezerra.

#### O Político

Dr. Eloi era, creio que ainda o é, udenista, udenista de carteirinha. Mais que eleitor do Brigadeiro, ele

era eleitor e cabo eleitoral de Dr. Clovis Bezerra, por quem cultivava uma longa e fiel amizade.

Disputou mandatos eletivos, foi vereador por duas legislaturas, era eterno delegado de Partido, vivia as emoções das lides políticas da cidade, se irritava com as pirraças de Severino Batista, pessedista, do grupo da Escola, reduto de resistência oposicionista. Mas, seu Eloi não brigava com ninguém. Era amigo de todos. A Política, mesmo provinciana, não lhe fez restringir amizades, muito pelo contrário, foi uma das poucas unanimidades por estas plagas.

#### Eloi e a Cidade

Esta cidade mudou muito, como era natural. Mudou aos olhos dos que dela se mudaram.

Você sente que está se distanciando de seu rincão quando não conhece mais as pessoas pelos nomes e não sabe de quem são filhas as crianças, quando você já não tem mais com quem trocar lembranças, construir saudades.

Foi assim que alguns anos distante do brejo, cada ano vindo menos, cada vinda mais curta, comecei a me sentir e é esse sentimento que me fez entender Eloi Farias em sua decisão de permanecer na cidade que adotou como sua.

Cansado do tempo e por tanto tempo gasto, o Dr. Eloi acabou aposentado, se desfez da Farmácia e se mandou da cidade emigrando para a Capital. Em João Pessoa o encontrei muitas vezes, era um homem triste, deslocado do seu espaço, falando lembranças, vivendo do passado.

Sua tristeza aumentou e se fez pesar quando perdeu sua D. Olivia. Seu Eloi e D. Olivia formavam um casal indiscutivelmente, singular. Unidos viveram e testemunharam a vida. D. Olivia uma mulher bonita, de olhos distantes e fisionomia tranqüila, tudo conformado por uma pele muito rósea, tinha um porte de matrona, uma compostura física e moral que impunha distância sem ser agressiva, era uma mulher forte e por Seu Eloi proclamada uma boa companheira. Toda a cidade achava que ela mandava em Seu Eloi, mas isso nunca foi provado e se era verdade ele gostava dessa situação e acabou recompensado pela parceria que viveram.

Falecida D. Olivia soube que o Dr. Eloi andou pelo Recife onde os filhos concentravam residências, inclusive Normele, sua única filha.

As cidades grandes não lhe cativaram. Abandonou a tudo e apesar dos laços familiares acabou

retornando para Bananeiras, morador do hotel de D. Neném, habitante da cidade.

Que mistério é esse? Que fascínio é esse? Só a placidez desta cidade, seu clima, sua água, sua gente, só a revelação de uma profunda identidade entre o habitante e seu hábitat, pode explicar a opção do Dr. Eloi. Aqui ele tem história, aqui ele fez história, daqui ele conhece as estórias e seus personagens, aqui mora sua identidade.

A amizade, Dr. Eloi, é um patrimônio muito importante para quem passou a vida a lhe cultivar. O Senhor semeou amizade e colhe amigos. Os filhos são produtos do nosso ser, frutos do nosso amor e resultado da união carnal, os amigos são o ser dos nossos produtos, frutos da nossa amizade e da nossa união social. Os filhos nascem de um parto biológico, os amigos de um parto social. Os filhos amigos são a síntese do que somos e do que fazemos.

Em Bananeiras, o Dr. Eloi veio ao encontro dos amigos que fez enquanto gasta proveitosamente sua vida. Certamente a muitos não encontrou e de outros viu a partida. A experiência dos anos vividos lhe dá a sabedoria que precisa para compreender que esse é o curso da vida e nesse curso ele é bom navegante.

Dessa cidade ele conhece todas as ruas e já entrou em todas as casa, já pisou todas as calçadas e marcou todos os caminhos, por isso a cidade a ele se revela. Os mais jovens podem até nem conhecer a sua história, mas ao vê-lo, transeunte, passageiro de seus caminhos, é importante que saibam que esse homem franzino é um guerreiro, bom guerreiro por que "combateu o bom combate" e dele se fez vencedor.

Nota: Discurso pronunciado pelo Prof. Iveraldo Lucena da Costa, por ocasião da Sessão Solene da Câmara dos Deputados de Bananeiras, em homenagem ao Dr. Eloi Farias - Sábado, 12/09/93.